

O PAPEL DE UM INTELLECTUAL: INSERÇÃO SOCIAL NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Aluno: Fabio Cano Gómez

**Orientadores: Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington e Eduardo
Gonçalves.**

Introdução

A PUC-RIO, sempre na busca da excelência na pesquisa, no ensino e na extensão para a formação de profissionais competentes, se propôs em 2006, por meio da Vice-Reitoria Acadêmica, criar o Núcleo de Memória da Pós-Graduação e da Pesquisa para a construção de uma memória institucional da universidade. As comemorações dos 40 anos de vários Programas de Pós-Graduação da PUC-Rio motivaram a Vice-Reitoria Acadêmica, com o apoio do Departamento de História, a desenvolver em plenitude a realização do projeto. A relação entre graduação e pós-graduação, ensino e pesquisa nesta universidade, revelou a necessidade de ampliação do projeto, que em 2008 tornou-se o Núcleo de Memória da PUC-Rio.

O Núcleo de Memória da PUC-Rio é um acervo dinâmico e vivo, que possibilita a experiência de uma memória comum (uma comemoração), tanto no que diz respeito à história da PUC-Rio quanto no que se refere à articulação dessa memória com a história mais geral das ciências, das humanidades e da tecnologia no Brasil. Uma memória que permita que a identidade da PUC-Rio seja constantemente atualizada e que os projetos da Universidade encontrem subsídios para seu desenvolvimento. O Núcleo de Memória da PUC-Rio é coordenado pela professora Margarida de Souza Neves e pela pesquisadora Silvia Ilg Byington. Também é integrado pelos pesquisadores Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves, o fotógrafo Antônio Albuquerque, e os bolsistas de iniciação científica Fabio Cano Gómez, Matheus Lima Targuêta, Yasmin Getirana, André Mesquita Penna Firme e Miguel Azaldegui.

Este Relatório Anual lista as atividades realizadas pelo bolsista Fabio Cano Gómez no período compreendido de junho de 2014 a junho de 2015; dividindo-se em duas

partes: a primeira, o Relatório Técnico, de cunho descritivo, aponta e explica em breves palavras a produção e as atividades do grupo e as contribuições individuais desse bolsista. A segunda parte consiste no Relatório Substantivo, isto é, apresenta um texto que consolida o trabalho deste bolsista até então.

1. Relatório Técnico

Atividades em equipe:

Entre o período de junho de 2014 até junho de 2015 a equipe do Núcleo de Memória realizou as seguintes atividades:

- Localização, seleção, coleta e registro de documentação escrita, iconográfica, filmografia e sonora, direta e indiretamente relacionada ao tema do projeto nos acervos da PUC-Rio;
- Consulta a professores, pesquisadores, ex-alunos e funcionários administrativos para coleta e aferição de documentos e informações pesquisadas;
- Identificação de fotografias coletadas e selecionadas para cadastro no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
- Catalogação e sistematização do material documental através de digitalização e cadastro em metadados no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
- Realização de seminários de leitura internos com a participação dos componentes da equipe para discussão de textos teóricos sobre conceitos de Memória, Identidade e História. Os seminários foram:

Seminário sobre Pierre Norra: *“Pierre Nora e os Lugares de Memória”*, capítulo de Margarida de Souza Neves no livro *Os Historiadores: Clássicos da História*(2014), em março de 2014.

Seminário teórico com discussão do texto *“Raízes de Um Paradigma Indiciário”*, do historiador Carlo Ginzburg (Ginzburg, C. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo, 1989. p.143-179). Lemos junto a este texto a ata da 1ª sessão do Conselho de Desenvolvimento, da PUC-Rio, realizada em 1969.

- Entrevista com o professor Eduardo Jardim, do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, sobre sua participação no movimento estudantil dos anos 1960, sua trajetória como aluno e professor da Universidade e sua memória sobre o Movimento Diretas Já.
- Realização de reuniões técnicas semanais com a participação da equipe, tendo como principais objetivos sistematizar a agenda de tarefas, revisar os textos das

Crônicas de Memória para o Jornal da PUC, trocar experiências e sanar eventuais dúvidas sobre a rotina de trabalho;

- Produção das Crônicas de Memória publicadas em todas as edições do Jornal da PUC;
- Publicação do livro “Crônicas de Memória” de compilações das crônicas publicadas no Jornal da PUC, desde o ano de 2010 até 2014;
- Visita à exposição do Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro intitulada: "Um passeio pelo Rio: a cidade nas andanças de Joaquim Manuel de Macedo", em 10 de fevereiro;
- Visita a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, guiada pela professora Margarida da Souza Neves.

Atividades Individuais

No período entre junho de 2014 e junho de 2015, que este relatório compreende, realizei as seguintes tarefas:

I. Digitalização dos Arquivos do Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (PROEDES)

Participei da digitalização da Coleção PUC-Rio do acervo de documentos reunidos pela professora Stella Cecília Duarte Segenreich, atual professora da Universidade Católica de Petrópolis. O acervo, doado em 2010 ao Núcleo de Memória, estava alocado dentro do PROEDES (Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade da UFRJ). A digitalização do arquivo foi realizada pelo ex-bolsista Reinan Ramos dos Santos e pelos bolsistas Yasmin Getirana e Fabio Cano. Como exemplo segue este documento, digitalizado e disponível no acervo do Núcleo de Memória:

284

C - QUANTO À INDICAÇÃO DE ESPAÇOS NECESSÁRIOS, TEMPO DE USO E VINCULAÇÕES (onde, com que e quando se realiza)

1.1 Uniformemente para todos os Sub-Projetos devem ser indicados, sob forma de quadros-resumo, apenas com as observações esclarecedoras que se fizerem necessárias, os elementos relativos a cada meio ou forma de ação - PESSOAL; ESPAÇOS NECESSÁRIOS; e, EQUIPAMENTOS DE INSTALAÇÕES.

1.1 - Serão preparados formulários, comuns a grupos de Sub-Projetos, que contenham, essencialmente, os seguintes elementos informativos sobre PESSOAL.

SUB-PROJETO Nº				PESSOAL					
MEIOS E FORMAS DE AÇÃO	CATEGORIA DO PESSOAL	LOTAÇÃO	PERÍODO	CARGA HORÁRIA				H O R A S	
				DIA Max.	SEMANA	MES	SEMESTRES		
							1º	2º	TOTAL
1 - AULAS COMUNS	----- ----- -----								

1.2 - Serão preparados formulários, comuns a grupos de Sub-Projetos, que contenham, essencialmente, os seguintes elementos sobre ESPAÇOS NECESSÁRIOS.

SUB-PROJETO Nº				ESPAÇOS NECESSÁRIOS							
MEIOS E FORMAS DE AÇÃO	ÁREA	PERÍODO	MANHÃ - HORAS			TARDE OU NOITE - HORAS			TOTAL		
			DIA Max.	SEMANA	TOTAL	DIA Max.	SEMANA	TOTAL	H O R A S	m² x HORAS	
1 - AULAS COMUNS	----- ----- -----										

1.3 - Serão preparados formulários, comuns a grupos de Sub-Projetos, que contenham, essencialmente, os seguintes elementos sobre INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS.

SUB-PROJETO Nº				INSTALAÇÃO EQUIPAMENTO						ORÇAO
MEIOS E FORMAS DE AÇÃO	PERÍODO	MANHÃ - HORAS			TARDE OU NOITE - HORAS			TOTAL HORAS		
		DIA Máximo	SEMANA TOTAL	TOTAL	DIA Máximo	SEMANA TOTAL	TOTAL			
1 - AULAS COMUNS	----- ----- -----									

Página 289 do livro para o "Grupo de Trabalho do Plano Diretor da PUC/RJ".

II. Organização e Digitalização do material doado pelo professor Luís Reznik

Por meio de uma organização temática, com o acompanhamento realizado pela pesquisadora Silvia Ilg, o material doado pelo professor Luís Reznik do Departamento de História foi separado em diferentes pastas para ser digitalizado. O conteúdo refere-se a: entrevistas de professores e funcionários, propaganda partidária, folhetos, circulares e material de imprensa, entre outros documentos. O trabalho foi realizado entre fevereiro e abril de 2015. A digitalização do material foi realizada pelos bolsistas Matheus Targuêta e Fabio Cano. Como exemplo segue este documento:



Folheto do Quinto Congresso Interno da PUC-Rio, realizado em parceria pelo DCE, ADPUC e APG. s.d.

III. Digitalização e seleção do material cedido pela professora Tereza Cavalcanti:

A partir de uma seleção do material cedido pela professora Tereza Cavalcanti, do Departamento de Teologia, foram digitalizados cartas, boletins e material de imprensa com o acompanhamento de Eduardo Gonçalves. A digitalização realizou-se em abril de 2015. Como exemplo segue este documento:

CARTA ABERTA A COMUNIDADE DO RIO DE JANEIRO: EM DEFESA DO PLURALISMO NA PUC/RJ

Nós, alunos da PUC/RJ, achamos necessário colocar de público nosa opinião sobre uma série de fatos que têm marcado a vida de nossa universidade, em particular o departamento de Teologia. Sem desconhecer o caráter específico das questões teológicas e da relação de nossa universidade com a Igreja, acreditamos que nada justifica as tentativas de impedir que o debate e a discussão acadêmica sejam cerceados em seu caráter pluralista.

Independentemente de simpatias pela Teologia da Libertação, não podemos assistir parados a flagrantes desrespeitos ao necessário pluralismo da vida universitária. Quanto mais que esse desrespeito atinge a colegas nosos. Por isso, resolvemos expor os seguintes fatos, os quais muito nos preocupam:

Desde muito vêm sendo realizados pressões sobre o Departamento de Teologia. Mais que isso, no início do 1º Semestre de 1984 séria crise se abriu com a suspensão de dois professores (Clodovis Boff e Antônio Moser), por intervenção direta do Grão-chanceler Cardeal Dom Eugênio Sales e seu bispo auxiliar Dom Karl Romer. Por ocasião destes acontecimentos, o DCE e os CA's e DA's da PUC já vieram a público manifestar sua discordância com tais procedimentos. Diante deste fato, os alunos de Departamento de Teologia reuniram-se em assembléia e decidiram por unanimidade de promover uma carta aberta intereclesial em solidariedade aos professores, pois não percebiam neles o motivo para haver tal suspensão. A carta foi aprovada em assembléia geral no dia 20/03/84. Entretanto, tal carta provocou retaliações por parte do Cardeal, o que não podemos aprovar.

Sendo que muitos dos alunos de Teologia são seminaristas (candidatos ao sacerdócio) e residem no Seminário São José do Rio de Janeiro, caiu sobre eles, especialmente 18 seminaristas, a principal objeção por parte do Cardeal e de seu bispo auxiliar.

O processo culminou no mês de setembro com o afastamento de 10 colegas, seminaristas da Arquidiocese de Natal no Rio Grande do Norte, que tiveram de retornar para Natal. Deste modo irão perder o semestre por causa de uma atitude injustificável e descabida.

Tememos que este processo não termine com este fato. E, compreendendo que tais acontecimentos não são um fato isolado, atingem a nossa universidade e a própria Igreja, pretendemos alertar a opinião pública para o que se passa, bem como pedir a compreensão dos dirigentes de nossa universidade, almejando que tais fatos não se repitam. Assim conclamamos a que o diálogo seja retomado e que esses problemas sejam resolvidos resguardando nossa universidade.

DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES

“Carta Aberta a Comunidade do Rio de Janeiro: em defesa do pluralismo na PUC/RJ”, 1984.

IV. Publicação no Jornal da PUC

O Núcleo de Memória publica no Jornal da PUC uma série de artigos intitulada “Crônicas de Memória”. Especificamente, em 2014, a série chamava-se “Crônicas de Memória - Para não esquecer”. Na edição 286, de 30 de outubro de 2014, Eduardo Gonçalves e eu publicamos o artigo “A PUC-Rio nas Diretas Já!”, que segue abaixo:

A PUC-Rio nas Diretas Já!



Estudantes, professores e funcionários da PUC-Rio na manifestação das Diretas Já, em 10/04/1984.
Fotógrafo Eduardo Jardim. Acervo Eduardo Jardim.

Em 2014 comemoram-se os 30 anos do maior movimento popular da história do Brasil: a campanha das Diretas Já. O Regime Militar que governava o país há 20 anos estava enfraquecido. Críticas de corrupção, denúncias de torturas e violência, a crise econômica e a alta da inflação criaram um panorama agravado pela impossibilidade do voto direto para presidente. A perspectiva trazida pela votação da Emenda Constitucional do deputado federal Dante de Oliveira, que propunha as eleições diretas, acirrou o clamor das manifestações que tomaram ruas e praças das cidades brasileiras em 1984.

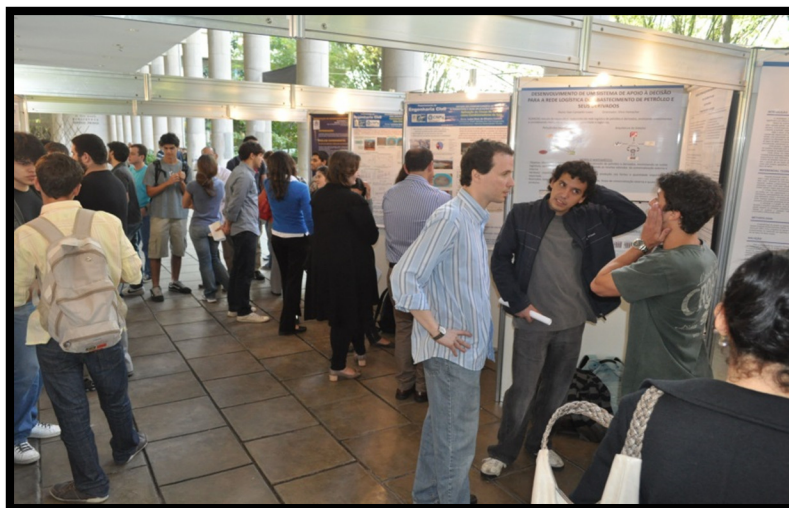
O movimento se espalhou por várias cidades e instituições brasileiras e a PUC-Rio participou ativamente deste momento político. No dia da grande manifestação a Associação de Funcionários (AFPUC) e a Associação de Pós-Graduandos (APG) mobilizaram funcionários e alunos. O Diretório Central dos Estudantes (DCE) saiu do campus com faixas em passeata pela rua Marquês de São Vicente. Professores afiliados à Associação de Docentes (ADPUC), órgão criado para dialogar e negociar com a direção da Universidade, incorporaram suas pautas às demandas da sociedade. Com faixas e dizeres como “Liberdade de Expressão PUC” e “Diretas Já PUC”, eles se juntaram às mais de um milhão de pessoas que clamavam na Candelária por mudanças, eleições limpas e diretas, pela volta do regime democrático e o fim da ditadura.

Os anseios do movimento estudantil, dos docentes e funcionários ultrapassaram os muros da PUC-Rio e se juntaram às inúmeras vozes que lutavam por uma sociedade mais igualitária, livre e democrática. Suas reivindicações foram parcialmente atendidas. Apesar da emenda não ter sido aprovada, em 1985 o poder civil foi restaurado com a eleição, ainda que indireta, de um novo presidente. O tempo dos governos militares se encerrava.

Eduardo Gonçalves e Fabio Cano
Núcleo de Memória da PUC-Rio

Em 2015, iniciou-se uma nova série intitulada “Crônicas de Memória - A PUC-Rio e os 450 anos da cidade”. Na edição 290 de 11 de maio do Jornal da PUC, Eduardo Gonçalves e eu publicamos o artigo “Para quem tem asas”, que segue abaixo:

Para quem tem asas



Apresentação de pôsteres no XIX Seminário de Iniciação Científica da PUC-Rio, nos pilotis da Ala Kennedy. 2011. Fotógrafo Antônio Albuquerque.
Acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio

A etimologia da palavra universidade remete ao universum, ao todo, ao universal que acolhe a diversidade intelectual e cultural. O estatuto da PUC-Rio destaca a sua “universalidade” e a sua especificidade de ser um “sistema aberto” consciente da sua inserção necessária na sociedade.

Os primeiros nomes que compuseram o corpo docente das Faculdades Católicas, já em 1940, revelam os traços que, atualizados, estão até hoje presentes em sua identidade: o humanismo, a produção intelectual e científica qualificadas, e a relação orgânica entre ensino e pesquisa. Em seus laboratórios e salas de aula, intelectuais reconhecidos nos seus campos da ciência e da cultura formam quadros capacitados e em sintonia com as demandas da sociedade. Essa é a maior contribuição da Universidade.

A PUC-Rio alia a formação acadêmica às atividades de extensão. Os estudantes de graduação participam em projetos que despertam a sua vocação acadêmica nos programas institucionais de Iniciação Científica e à Docência. Equipes de pesquisa integram alunos de todos os níveis, professores e pesquisadores, algumas delas em parceria com empresas. Fóruns, congressos e seminários ampliam as trocas com outras instituições e entre as áreas do conhecimento. Da Gávea, a PUC-Rio se abre e expande para a cidade e o estado, desdobrando-se nos polos avançados de Duque de Caxias e Tinguá e nas unidades do Centro e da Barra da Tijuca.

O lema que sustenta o brasão da PUC-Rio, “com asas nada é pesado”, alude aos voos mais distantes que possibilitam ser presença ativa nos espaços acadêmicos e sociais ao formar profissionais comprometidos e críticos. Com estas asas a Universidade vai além dos seus muros e se faz presente no cotidiano da cidade e da sociedade brasileira.

Eduardo Gonçalves e Fabio Cano
Núcleo de Memória da PUC-Rio

V. Catalogação e sistematização do material fotográfico de diversos eventos através do cadastro em metadados no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

Os eventos catalogados foram os seguintes:

- Palestra “The defense Trilemma: Military Industrial Transformation in Brazil”, ministrada pela professora Patrice M. Franko (Colby College), organizada pelo Instituto de Relações Internacionais;
- Palestra Discurso, poder, ideologia ministrada pelo professor Teun A. van Dijk, da Universidade Pompeu Fabra, Barcelona, promovida pelo Programa de Pós-graduação Estudos da Linguagem, do Departamento de Letras da PUC-Rio;
- Palestra: A Importância da Indústria Automobilística. Apresentação principal do CEO do grupo Renault-Nissan, Carlos Ghosn;
- Primeiro Simpósio Internacional sobre a metropolização do espaço, gestão Territorial e relação urbano-rural, através da associação entre o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Espaço e Metropolização (NEPEM PUC-Rio), o grupo de Estudos Rurais e Urbanos (URAIIS PUC-Rio), o grupo de Gestão Territorial no Estado do Rio de Janeiro (GETERJ PUC-Rio) e o Núcleo de Estudos de Geografia Fluminense (NEGEF da UFRJ);
- Evento com o tema "Liderança" dentro da Semana do Empreendedorismo na PUC-Rio, organizado pela Coordenação de Ensino de Empreendedorismo (CEMP), República Marketing Universitário e o Instituto Gênesis (PUC-Rio);
- Seminário Platelet Margination in the Microcirculation, organizado pelo Departamento de Engenharia Mecânica e apresentado pelo Prof. Eric S.G. Shaqfeh, do Departments of Chemical and Mechanical Engineering (Stanford University);
- Trote de alunos de diversos cursos das turmas de 2012.1, realizado nos pilotis da PUC-Rio;
- A Coragem da Verdade, foi o título do encontro organizado pelo Núcleo de Direitos Humanos da PUC-Rio, juntamente com a Equipe Clínica Política e o Coletivo RJ – Memória, Verdade e Justiça, sobre o tema da violência praticada pelo Estado durante as ditaduras militares das décadas de 1960 e 1970 na América Latina;

- IV Jornada Heidegger organizada pelo Núcleo de Estudos sobre Existência (NEXT/UERN), em parceria com o Núcleo de Estudos em Ética e Desconstrução (NEED/PUC-Rio), que teve como tema “Horizontes”;
- Palestra para compartilhar as experiências vividas na conferência Rio+20. Uma delegação de oito professores da PUC-Rio, chamada Planet Under Pressure, esteve presente na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20);
- Convênio de cooperação acadêmica assinado pelo vice-reitor da PUC-Rio e o presidente da National Taiwan University;
- Aula inaugural do Departamento de Serviço Social proferida pelos professores Ricardo Antunes e Marco Aurélio Santana. Abordou o tema "Tendências e Perspectiva do Trabalho no Capitalismo Contemporâneo";
- Cerimônia de posse do prof. pe. Leonardo Agostini Fernandes no cargo de Diretor do Departamento de Teologia, na Sala do Conselho Universitário, com a presença do Reitor, padre Josafá Carlos de Siqueira S.J.;
- Primeiro dia de aula na PUC-Rio do período de 2012.1;
- Cerimônia de posse do prof. pe. Leonardo Agostini Fernandes no cargo de Diretor do Departamento de Teologia, na Sala do Conselho Universitário, com a presença do Reitor, padre Josafá Carlos de Siqueira S.J.;
- Cerimônia de posse do prof. Luiz Felipe Roris Rodriguez Scavarda no cargo de Diretor do Departamento de Engenharia Industrial, na Sala do Conselho Universitário, com a presença do Reitor, padre Josafá Carlos de Siqueira S.J.;
- Cerimônia de posse do prof. Luiz Felipe Roris Rodriguez Scavarda no cargo de Diretor do Departamento de Engenharia Industrial, na Sala do Conselho Universitário, com a presença do Reitor, padre Josafá Carlos de Siqueira S.J.;
- Evento semestral "PUC por um dia", no período 2012.1. Os estudantes do Ensino Médio receberam palestras e workshops em diversas áreas do conhecimento nos Departamentos, Bibliotecas, Laboratórios e demais órgãos da PUC-Rio. O principal objetivo era facilitar a escolha das carreiras universitárias por meio do contato direto com pesquisadores e apresentar

aos estudantes o interior de uma universidade que conjuga ensino, pesquisa e empreendedorismo;

- Visita da vice-ministra chinesa da Educação, Li Weihong, à PUC-Rio. No encontro ela conheceu o Instituto Confúcius e assistiu a apresentação dos alunos em mandarim;
- Visita do Governador-Geral do Canadá, David Johnston, teve como tema "O Canadá no século XXI, um parceiro confiável para o Brasil" e contou com a abertura do reitor pe. Josafá Carlos de Siqueira S.J;
- Inauguração do Instituto Confúcius, uma parceria entre a Coordenação Central de Cooperação Internacional da PUC-Rio (CCCI), do Departamento de Letras, da Universidade de Hebei, do Consulado Geral da China no Brasil e da Embaixada da China no Brasil. O Instituto tem atualmente como finalidade a divulgação da língua e da cultura chinesa na Universidade e na cidade do Rio de Janeiro.

VI. Pesquisa para o Seminário de Iniciação Científica da PUC-Rio.

Participei da jornada do PIBIC por meio do trabalho Chamado “O papel de um intelectual? Inserção social no Rio de Janeiro. Neste estudo, com o intuito de entender o que faz de uma pessoa um intelectual, se escolheram dois intelectuais contemporâneos do Rio de Janeiro e professores da PUC-Rio, para analisar suas experiências com o motivo de consolidar a pesquisa. São estes: Vera Maria Ferrão Candau, do departamento de Educação e Sérgio Besserman Vianna, do departamento de Economia. A análise procurou estabelecer a conexão entre a produção teórica e prática dos intelectuais na cidade e o papel da ação social como característica unificadora da diversidade intelectual.

2. Relatório Substantivo

O PAPEL DE UM INTELLECTUAL: INSERÇÃO SOCIAL NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Aluno: Fabio Cano Gómez

**Orientadores: Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington e Eduardo
Gonçalves**

I - Introdução

Todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais [1]. Partindo dessa premissa gramsciana, considerando que não existem não-intelectuais já que todos nascemos com capacidades cerebrais e cognitivas, o que é que produz essa função do intelectual na sociedade moderna? Espera-se de um intelectual que ele tenha competência no seu campo específico de atuação como, por exemplo, no âmbito da filosofia ou da teoria política, ministrando aulas e palestras, escrevendo e pesquisando. Dá-se por suposto que o intelectual domina a parte técnica das disciplinas científicas que mapeiam o campo em que se movimenta. A riqueza dos conhecimentos estritamente científicos, entretanto, não faz do cientista por si mesmo um intelectual. O intelectual, na nossa cultura, é alguém de quem se espera que possa problematizar os métodos, as razões e os procedimentos usuais na abordagem das questões por ele examinadas [2]. O que fazem esses indivíduos para manter ou para modificar uma concepção de mundo? Como afirma Konder [3], a classificação de intelectual pode dar prestígio, mas traz também responsabilidade. Uma responsabilidade que se cumpre local e globalmente, em muitos casos, em primeira instância, na cidade. Entre esse jogo de demandas da sociedade e as próprias necessidades científicas e intelectuais, se encontram esses personagens que por meio da erudição e da prática têm chegado a adquirir papéis transformadores da realidade social.

Este trabalho tem como objetivo compreender o que faz de um indivíduo um intelectual e estudar a diversidade dos meios em que se exerce a intelectualidade. Para isso foram selecionados dois intelectuais contemporâneos do Rio de Janeiro, professores da PUC-Rio e atuantes em diferentes campos de conhecimento, que a partir de suas experiências ajudaram a consolidar esta pesquisa. São estes: Vera Maria Ferrão Candau, do Departamento de Educação e Sérgio Besserman Vianna, do Departamento de Economia.

Após uma seção sobre o debate intelectual, a análise dessas duas figuras procurará estabelecer a conexão entre a produção teórica e prática dos intelectuais na cidade e o papel da ação social como característica unificadora da diversidade intelectual. A importância do local é um ponto central no argumento deste trabalho, já que a relação com a cidade é fundamental para um intelectual, não só pelo que ele absorve dela, mas pela forma em que ele consegue utilizar o seu conhecimento científico para transformá-la. É assim que se cumpre a responsabilidade de um intelectual, conforme assinala

Leandro Konder [4]. Cada experiência dos cientistas estudados ajudará a mostrar o que constitui essa categoria que, da perspectiva desse trabalho, se encontra na relação orgânica entre produção científica e ação social na cidade.

II - Debate Intelectual

A atual pesquisa, como a maioria dos estudos que tratam sobre os intelectuais, enfrenta o desafio de definir o próprio conceito de intelectual, já que a palavra não possui um significado único, é multivocal e têm limites imprecisos [5]. Comumente se associa a palavra “intelectual” a um adjetivo utilizado para designar uma pessoa com uma erudição extraordinária que costuma pertencer à área de produção acadêmica de conhecimento. Mas tal conceito varia enormemente dependendo do país da região, do lugar social e da própria cultura. Como exemplo, no dicionário da Real Academia Espanhola a palavra intelectual não é tratada nunca como substantivo, mas sempre como adjetivo; caracteriza em primeira instância a algo ou alguém como espiritual e imaterial, e em segunda, à pessoa dedicada ao cultivo das artes e das ciências.

Na verdade, o termo “intelectual” é relativamente novo. Hoje corrente na linguagem comum, na mídia e nas ciências sociais, a sua utilização para designar, dentro de qualquer língua moderna, um grupo social ou um ator da vida pública não vai além do último terço do século XIX [6]. Nesse trabalho será considerado o uso da palavra intelectual como substantivo, não como um adjetivo que caracteriza uma pessoa erudita, mas um indivíduo que desempenha um papel social e domina a parte técnica das disciplinas científicas que mapeiam o campo em que se movimenta.

Apesar de que existe nas ciências humanas um consenso sobre o fato de que o intelectual é um erudito, o seu papel político e a sua identidade de classe continuam sendo objeto de discrepâncias e debates. Nas primeiras décadas do século XX, uma grande parte dos intelectuais se consideravam membros de um grupo coeso que possuía uma consciência própria de classe [7]. Inclusive, alguns intelectuais se consideravam a si mesmos dentre do “clube de maior prestígio que poderia existir” [8]. Esta classe não pretendia fazer parte nem do aparato estatal, de uma oposição estruturada ou dos setores empresariais; ela se caracterizava pela sua falta de associação com os meios de produção [9].

Uma manifestação pontual desta perspectiva foi a obra “La Trahison des clercs” (A Traição dos intelectuais) realizada pelo filósofo e escritor francês Julian Benda, no ano de 1928. Apesar de que atualmente esse trabalho é pouco conhecido, foi bastante influente na sua época, passando por mais de 50 edições em 20 anos [10]. Nessa obra Benda definiu os intelectuais como:

[...] todos aqueles cuja atividade essencialmente não está na busca de objetivos práticos, todos aqueles que procuram satisfação na prática da arte, da ciência ou da especulação metafísica, em suma, em objetos e âmbitos não materiais. [11]

O que o levaram até o ponto de dizer, fazendo referência a seus estudos “o meu reino não é deste mundo.” [12]. Logo, essa narrativa não só tratava os intelectuais como um grupo coeso e desligado da política e a sociedade, mas também como seres superdotados que estudavam e debatiam sobre objetos inalcançáveis para a grande maioria, enquanto o resto se debatia com os dilemas da vida material. Benda listou três conjuntos de interesses que os intelectuais deviam evitar: nação, classe e a raça [13]; acreditando que essas temáticas não faziam parte do campo de estudo destinado a um verdadeiro intelectual.

Como uma forte contraposição a esta perspectiva, Antonio Gramsci, criticou o livro de Benda por ignorar a função dos intelectuais na vida do Estado [14]. De fato,

Gramsci acaba com os pilares da concepção do intelectual de Benda, ao argumentar, ao longo da sua produção intelectual, que: a) os intelectuais não eram nem precisavam ser apolíticos; b) os intelectuais não são uma classe coesa; e c) os intelectuais não são seres “superiores” e separados do resto como os detentores da verdade.

a) A figura do intelectual que se dedicava à arte e à ciência de forma neutra foi quebrada ao passar dos anos pela situação social que traziam os conflitos do século XX. Mais do que elucubrações mentais, agora se fazia necessário conhecer o funcionamento da sociedade, descobrir os mecanismos de dominação encobertos pela ideologia dominante e os enfrentamentos das classes na disputa pelo poder [15]. Com isso, os intelectuais não podiam se esconder atrás da neutralidade científica e ficar alheios às contradições do seu tempo. Eram impelidos a se definir nos conflitos da história e a tomar partido [16]. Os intelectuais tinham a missão, por meio da busca pelo conhecimento, de contribuir a explicar, conservar ou transformar a sociedade na qual estavam inseridos [17].

Nesse sentido, o termo “intelectual” concebido por Gramsci se afasta cada vez mais da sua procedência do termo latim *intellectualis*, adjetivo que, na filosofia, refere-se ao indivíduo que lida com a atividade teórica separando-se do mundo da experiência e do perceptível [18]. A teoria não está separada da prática e as atividades de produção de conhecimento não se limitam à pesquisa científica por si só. Os intelectuais têm um papel chave dentro da organização da *polis* e dos grupos a que eles representam. Como afirma Rama, com excessiva frequência veem-se os intelectuais como meros executantes dos mandatos das instituições (quando não das classes) que os empregam. Perde-se assim a sua peculiar função de produtores, enquanto consciências que elaboram mensagens, e a sua especificidade como desenhistas de modelos culturais, destinados à constituição das ideologias [19]. Ele analisa uma relação mais fluida e complexa entre as instituições ou classes e os grupos intelectuais. Segundo Rama, justamente por sua condição de servidores de poderes, os intelectuais estão em contato imediato com o forçoso princípio institucionalizador que caracteriza qualquer poder, sendo portanto os que melhor conhecem seus mecanismos, os que mais estão treinados em suas vicissitudes. Em suma, eles não somente servem a um poder, como também são donos de um poder [20].

b) Gramsci também rompe com a noção dos intelectuais como um grupo coeso já que cada grupo social gerava para si mesmo intelectuais que legitimavam e ordenavam suas demandas. Gramsci, de fato, rompe com o lugar comum que entendia os intelectuais como um grupo em si, solto no ar, autônomo e independente [21]. Dentro dos diferentes grupos de intelectuais que Gramsci analisa, os intelectuais orgânicos são centrais para esta pesquisa. Os intelectuais orgânicos fazem parte de um organismo vivo e em expansão do Estado, já seja a favor ou contra suas políticas. Por isso, estão ao mesmo tempo conectados ao mundo do trabalho, às organizações políticas e culturais que o seu grupo social desenvolve para dirigir a sociedade.

Ao fazer parte ativa dessa trama, os intelectuais orgânicos se interligam a um projeto global de sociedade e a um tipo de Estado capaz de operar a conformação das massas no nível de produção material e cultural exigido pela classe no poder. Então, são orgânicos os intelectuais que, além de especialistas na sua profissão, elaboram uma concepção ético-política que os habilita a exercer funções culturais, educativas e organizativas [22]. Conscientes de seus vínculos de classe, manifestam sua atividade intelectual de diversas formas: no trabalho, como técnicos e especialistas dos conhecimentos mais avançados; no interior da sociedade civil, para construir o consenso em torno do projeto da classe que defendem; na sociedade política, para garantir as funções jurídico-administrativas e a manutenção do poder do seu grupo social [23]. As

ideias de Gramsci passam a fundamentar a formação dos novos intelectuais, cujas lutas teóricas e práticas buscam criar uma outra filosofia e uma outra política, capazes de promover a superação do poder como dominação e construir efetivos projetos de democracia popular [24].

c) Finalmente, Gramsci, ao mesmo tempo que promove a universalização da intelectualidade, acaba com a idealização do intelectual superior [25]. Gramsci se mantém firme em que todos têm a capacidade de pensar e agir, de elaborar conhecimentos, de acumular experiência, de ter uma sensibilidade, um ponto de vista próprio. Nesse sentido, combatendo a noção abstrata, aristocrática e restrita de intelectual, Gramsci afirma que “todos são intelectuais [...] Porque não existe atividade humana da qual se possa excluir alguma intervenção intelectual” [26]. Até no trabalho mais mecânico e alienado há sempre um componente reflexivo [27]. Isto significa que, se bem é possível falar de intelectuais, é impossível falar de não intelectuais, porque não existem. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção de mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar [28]. Essa visão totalmente inovadora e revolucionária rompe com a concepção do intelectual “superior” e separado, com o filósofo “detentor da verdade” e guia da *polis* [29]; acabando portanto com a fantasia do intelectual inalcançável e superdotado. Dentro da mesma crítica, nas palavras de Leandro Konder:

Desconfio da vaidade que fica embutida na autocaracterização dos intelectuais. O que é, afinal, um “intelectual”? O que o distingue dos que não são intelectuais? O intelectual é aquele que pensa melhor que os outros? Quando a gente vê a quantidade de besteiras que muitos intelectuais já disseram e fizeram, torna-se impossível sustentar essa pretensa superioridade de pensamento. [30]

É dentro dessas três compreensões gramscianas que os seguintes intelectuais contemporâneos da cidade do Rio de Janeiro serão analisados a partir de sua produção científica e inserção social, como figuras que não se limitaram à produção de conhecimento por meio da academia e que, sem perder o seu foco de estudo teórico e científico, continuam tentando mudar a realidade social e promover novas maneiras de pensar e agir na sociedade.

III - O intelectual: diferença e desigualdade

Vera Maria Candau é professora emérita do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Candau tem uma ampla experiência de ensino desde a escola básica aos cursos de licenciatura, mestrado e doutorado, e é coordenadora do Grupo de Pesquisas sobre Cotidiano, Educação e Cultura(s)(GECEC), através do qual tem desenvolvido sistematicamente pesquisas sobre as relações entre educação e cultura. Ela possui doutorado pela Universidad Complutense de Madrid em educação e atualmente assessora experiências e projetos sócio-educativos no Brasil e no âmbito internacional, particularmente em países latino-americanos. O papel intelectual da professora Candau desde a formulação teórica e acadêmica de suas pesquisas sobre educação, interculturalidade e direitos humanos até sua participação direta em diferentes organizações e centros de estudo é central dentro desta pesquisa para a análise de uma intelectual contemporânea.

Dentro de seus estudos Candau observa que a lógica da modernidade é pautada em grande parte pelo tema da igualdade, mas uma igualdade que é vista comumente do

ponto de vista da padronização e da homogeneização, ou seja, trata a cada indivíduo da mesma forma [31]. Logo, na tentativa de construir um ambiente menos desigual, a diferença entre as pessoas também é desconsiderada como elemento indenitário e como um direito em si mesmo. Mas, como Candau afirma, a igualdade não está contraposta à diferença; está contraposta à desigualdade. É necessário combater a desigualdade para construir uma igualdade de direitos, mas não uma igualdade homogeneizadora. É necessária uma igualdade que seja capaz de reconhecer e valorizar as diferenças [32]. Nesse sentido, a professora Candau defende a seguinte afirmação do Sociólogo Boaventura Santos de Sousa:

Temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades. [33]

Portanto, Candau preza sempre pela negação da padronização como igualdade, se posicionando contra todas as formas de desigualdade e discriminação presentes na nossa sociedade. A igualdade que a professora luta por construir assume o reconhecimento dos direitos básicos de todos. No entanto, todos/as não são padronizados/as, não são ‘os/as mesmos/as’. Eles/as precisam ter suas diferenças reconhecidas como elementos presentes na construção da igualdade [34].

É dentro dessa análise de valorização e aceitação das diferenças que a professora defende a perspectiva intercultural da educação. Esta perspectiva é concebida como uma modalidade da educação multicultural dentro dos diferentes modos de se conceber o multiculturalismo, partindo da afirmação de que este é um fenômeno complexo e polissêmico [35]. Dentro dos estudos de multiculturalismo existem três matrizes fundamentais que expressam as diferentes abordagens possíveis: a assimilacionista, que reconhece a diferença, mas de alguma forma hierarquiza os grupos culturais e constrói políticas e estratégias sócias e educativas de assimilação do diferente à cultura comum hegemônica; a diferencialista que reconhece os diferentes grupos culturais, promove um tratamento não-discriminatório em matéria de direitos civis, políticos e sociais, mas mantém os grupos isolados e separados em comunidades específicas e fechadas; e, finalmente, o multiculturalismo aberto e interativo ou interculturalismo, que se contrapõe aos processos radicais de afirmação de identidades culturais específicas, assim como à desvalorização da riqueza das diferenças culturais [36].

A interculturalidade se afasta de uma visão essencialista das culturas e das identidades culturais e consolida a importância dos processos de hibridação cultural como mobilizadores da construção de identidades abertas e em construção permanente [37]. Esta perspectiva assimilada por Candau promove uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e que seja capaz de favorecer a construção de um projeto comum, no qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. A perspectiva intercultural está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana que articule políticas de igualdade com políticas de identidade [38]. É importante que se opere com um conceito dinâmico e histórico de cultura, capaz de integrar as raízes históricas e as novas configurações, evitando-se uma visão das culturas como universos fechados e em busca do “puro”, do “autêntico” e do “genuíno”, como uma essência pré-estabelecida [39].

Para a promoção de uma educação intercultural na perspectiva assinalada é necessário penetrar no universo de preconceitos e discriminações que impregna muitas

vezes as relações sociais que configuram os contextos em que vivemos [40]. A “naturalização” é um componente que faz em grande parte invisível e especialmente complexa esta problemática. Para desconstruir é necessário promover processos de desnaturalização e explicação da rede de estereótipos e pré-conceitos que povoam nossos imaginários individuais e sociais em relação aos diferentes grupos socioculturais. Em outras palavras, é imprescindível questionar o caráter monocultural e o etnocentrismo que, explícita ou implicitamente, estão presentes na escola e nas políticas educativas e impregnam os currículos escolares [41].

A professora Candau, dentro da mesma linha teórica da interculturalidade, coordena o Grupo de Estudos sobre Cotidiano, Educação e Culturas, com o apoio do CNPq, vinculado ao Departamento de Educação da PUC- Rio desde 1996. Candau e seu grupo de pesquisa desenvolveram estudos que têm como objeto central as relações entre educação e cultura(s) em diferentes espaços educativos, orientados a contribuir para o aprofundamento desta problemática e oferecer elementos para que as práticas pedagógico-didáticas possam ser repensadas ou reinventadas, incorporando, de maneira crítica, a questão das diferenças culturais, na pluralidade de suas manifestações. Em março de 2006, o GECEC iniciou seu quinto projeto, “multiculturalismo, Direitos Humanos e Educação: a tensão entre igualdade e diferença”, concluído em 2009. Ele tinha por objetivo principal analisar as tensões entre igualdade e diferença nas práticas sociais e educacionais, com especial ênfase na identificação das representações dos professores do Ensino Fundamental e na caracterização dos dispositivos pedagógicos por eles mobilizados no cotidiano escolar para trabalhar está [41]. Já em 2012 e com previsão de finalizar em 2017, o GECEC desenvolve um projeto de pesquisa centrado em direitos Humanos, educação e interculturalidade. O propósito da GECEC com esses estudos é contribuir para a construção de políticas e práticas pedagógicas, assim como oferecer elementos a serem trabalhados nos cursos de formação inicial e continuada de educadores/as [42].

Por outro lado a atuação da professora não se limita à PUC-Rio ou às suas instituições. Ela participa de diversas organizações não governamentais, especialmente na ONG Nova América, que atualmente desenvolve os programas de Integração Latino-americana e Construção Democrática; Direitos Humanos, Educação e Cidadania e Educação Popular. Nas palavras de Candau:

No Rio de Janeiro participo com mais força na Nova América, é uma ONG que tem um pé no Brasil. Um dos seus objetivos é que os brasileiros nos sintamos mais latino-americanos [...] sempre conectando a questão dos direitos humanos. Essa ONG tem um programa de educação dos direitos humanos, com escolas públicas tanto do Rio de Janeiro como no interior do estado, também temos feito colaborações com outros estados do Brasil. Ao mesmo tempo, temos conexões com outros países latino-americanos [...] e outras ONGS. [43]

Desta forma, a partir da análise do debate da diferença e da igualdade e o papel da interculturalidade na educação, Candau não se limita ao aporte dado pela produção de conhecimento sobre o tema, mas atua por diversos meios tentando emancipar as instituições educativas dos prejuízos e das práticas defasadas de ensino. Na entrevista realizada com a professora, Candau afirmou:

Você está trabalhando por um conhecimento, está mais sensível a esse tipo de temática, está produzindo pesquisa, está escrevendo, lendo artigos, livros, artigos, mas para alimentar inclusive essa busca, eu acho que é muito importante você ter

também um compromisso que não seja restrito ao ambiente universitário. No meu caso concreto eu colaboro com organizações não governamentais, uma no rio de Janeiro e também algumas outras em outros países latino-americanos, que trabalham com a questão da educação em direitos humanos, direitos da criança e adolescente, direitos ligados a populações indígenas; na ótica da formação de professores em serviço. Então, de fato, me alimenta muito e me faz muito bem, por exemplo, participar do encontro de professores de escola pública [...] na periferia do Rio, conversar das suas inquietudes, como que eles veem a educação, como eles veem as questões de discriminação e de preconceitos na Escola, como eles veem isso na vida deles mesmos [...]. O compromisso Social do professor, ele passa por um tom específico de pesquisador, de produtor intelectual, mas ele não deveria se restringir. Precisa ter uma participação, muito mais em países como o Brasil. Portanto, buscar esses espaços sociais onde essas questões são vivas e presentes na vida das pessoas, no meu caso na vida dos educadores, que é a área onde eu atuo muito mais; e portanto ter colaborações, assessorias, participações que vão além do contexto universitário. [44]

A afirmação de Candau permite analisar que o papel do intelectual neste aspecto não só se beneficia de seu ativismo fora da academia como uma forma de cumprir um dever social ou uma meta pessoal, mas tem um fim prático ao servir de alimento para suas pesquisas por meio de uma aproximação mais direta à realidade que estuda. Desta forma Candau contribui para a mudança de paradigmas que ela aponta como necessária na sua produção acadêmica no âmbito da interculturalidade e a valorização da diferença. Essa contribuição tem se mantido ao longo da carreira da professora, num constante esforço de implementar estes princípios dentro das práticas pedagógicas dos centros de ensino do Rio de Janeiro. Ao perguntar sobre os avanços da pedagogia em direção à desassociar igualdade com padronização, a professora respondeu:

Indiscutivelmente, hoje em dia se tem mais produção acadêmica sobre essa temática, pluralidade e grupos de pesquisa, e mais iniciativas para a construção de práticas pedagógicas em combate à discriminação e aos preconceitos. Mas a gente vê que essas questões, elas estão fortes na educação porque elas estão fortes dentro da sociedade [...]. No caso da PUC-Rio, disciplinas de graduação, de pós-graduação tem grupos de pesquisa que trabalham essas questões¹. Mas não só na PUC, em muitas universidades começa a ter muito mais esforço, de introduzir essas questões dentro da universidade. [45]

A afirmação das diferenças étnicas, de gênero, orientação sexual, religiosa, entre outras, vem adquirindo na sociedade cada vez maior visibilidade. As problemáticas são

¹ Vale a pena notar, que a professora como uma produtora intelectual reconhece o papel da sociedade civil e dos movimentos sociais nas modificações de padrões e concepções de mundo, entendendo uma vez mais a capacidade generalizada de poder influir na realidade. A sociedade em geral consegue participar nas transformações e mudanças de perspectiva, modificando e trazendo pautas ao debate, tanto sobre o sistema de educação como em outras temáticas.

múltiplas, especialmente visibilizadas pelos movimentos sociais, que denunciam injustiças, desigualdades e discriminações [46]. No entanto, como Candau afirma, são muitas as pesquisas, assim como os relatos de educadores e educadoras que evidenciam a dificuldade das escolas e dos profissionais de educação em lidar com esta realidade no contexto da educação formal [47]. Levando em conta que o desenvolvimento da educação em direitos humanos no Brasil e no continente latino-americano em geral é um processo que emerge com força na segunda metade dos anos 80 [48], essas novas concepções de práticas pedagógicas continuam sendo recentes e precisam de maior desenvolvimento. Dentro dessa linha, não basta denunciar e proteger as vítimas de discriminação e abuso. São imprescindíveis ações e processos orientados à prevenção, à afirmação dos direitos humanos em todos os âmbitos da sociedade e às políticas públicas [49]. É justamente esse desafio que a professora Candau vem enfrentando na América Latina e em especial na cidade do Rio de Janeiro. Na entrevista, ela explica um pouco da sua concepção do seu trabalho na cidade:

No Rio de Janeiro se tem as situações mais diversas, a violência hoje em dia está fortíssima. A gente tem feito bastantes trabalhos com escolas, por exemplo, institutos e oficinas de prevenção do bullying, contra a violência, construção de relações de outro tipo, desde relações internas com a escola a relações comunidade. A gente tem feito várias parcerias nesse sentido de trabalhar em situações com ciclos de oficinas orientadas para a prevenção da violência. [50]

IV - O intelectual: consumo, sustentabilidade e meio ambiente

O Professor Sérgio Besserman Vianna leciona nos departamentos de Economia e de Engenharia Ambiental da PUC-RJ. Besserman tem uma grande atuação fora da academia, como por exemplo, como membro do BNDES e dentro do executivo, tendo exercido a Diretoria de Planejamento do Estado do Rio de Janeiro entre 1996 e 1999. Foi também presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e do Instituto Pereira Passos. Besserman dedica-se ao estudo das consequências econômicas e sociais da mudança climática global desde 1992, tendo participado do Executive Program on Climate Change & Development, no Harvard Institute for International Development, da Harvard University. Motivado por seus interesses na área de meio ambiente, o professor se converteu em membro do Conselho Diretor ou Consultivo de diversas organizações como a Fundação Roberto Marinho, o WWF, a CI, o ICLEI. Ele é atualmente o Presidente da Câmara Técnica de Desenvolvimento Sustentável da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Por sua trajetória ganhou o Prêmio Jornalista & Cia/ HSBC na categoria Especial de Personalidade do Ano em Sustentabilidade; assim como, o Prêmio " Faz a Diferença " do Globo de 2013.

Besserman cresceu numa família de médicos pertencentes ao partido comunista que sempre lhe deram completa liberdade de escolher seus estudos, com a única exigência de que, tanto ele como seus dois irmãos, estivessem sempre sintonizados com o que estivesse acontecendo no mundo. Entre as diferentes tradições familiares, Besserman era orientado a ler um livro cada duas semanas como obrigação familiar. Desde pequeno recebeu um capital intelectual que ele considera como “realmente uma história familiar e cultural” [51].

Depois de entrar na faculdade, e passar períodos curtos estudando engenharia e história, Besserman decidiu que o rumo da sua carreira profissional seguiria em direção aos estudos de economia. Dentro dessa escolha, com o passar dos anos, e sem perder o aprendizado dos cursos anteriores, o professor focou seu estudo nas temáticas de meio

ambiente e mudança climática. Besserman se dedicaria a romper diferentes paradigmas que dominam a teoria econômica desconsiderando o meio ambiente, e que tomavam como premissa os recursos naturais como ilimitados. Justamente nos últimos tempos, diferentes intelectuais têm mudado essa concepção devido à evidência inegável das mudanças climáticas. Nas palavras do professor:

Nas últimas décadas, os economistas falharam terrivelmente ao defender o crescimento a qualquer custo, mas agora estão começando a ajudar um pouco rumo ao desenvolvimento sustentável. Temos que colocar 7 bilhões de cérebros para funcionar se quisermos uma solução para as mudanças climáticas, e a imprensa é parte fundamental nesse processo. [52]

Posteriormente, com a desmitificação dos recursos ilimitados, o ser humano percebe cada vez mais que o planeta está em perigo como consequência das suas ações, mas essa continua sendo uma posição de certa arrogância por parte do ser humano. O professor argumenta contra essa ideia:

No tempo dela (a terra), nós não temos poder para lhe causar nenhum mal. O planeta já passou por problemas muito maiores do que qualquer coisa que a humanidade possa fazer. Ele se recupera em 5 a 10 milhões de anos. Então nós não estamos, no tempo da natureza, acabando com ela. Mas estamos estragando a natureza do nosso tempo. [53]

Dessa forma Besserman foca na sobrevivência da espécie humana, mostrando que o discurso do meio ambiente não é simplesmente moral ou ético, mas tem uma perspectiva racional de longo e meio prazo, pois o ser humano se encontrará logo em um ambiente completamente hostil para sua sobrevivência. Trazer esse debate desde uma perspectiva que interesse a todos é sumamente importante para Besserman, já que ele acredita que o mercado é absolutamente cego e surdo a quaisquer outros valores que não sejam o de alocar eficientemente recursos econômicos com vistas a maximizar a acumulação de capital [54]. Se estragarmos a natureza do nosso tempo, quem vai sofrer é a humanidade, especialmente as populações pobres no meio prazo, que estão desprotegidas devido a sua falta de recursos para sustentar a sua sobrevivência [55]. Assim, o professor argumenta que a dicotomia meio ambiente, de um lado, e crescimento econômico, combate à pobreza e combate à desigualdade, do outro, é anacrônica. Segundo ele, neste século está cada vez mais claro que só poderemos ter perspectivas de crescimento econômico se formos capazes de evitar a continuidade da degradação da natureza do planeta [56]. O economista enfatiza que as incertezas acerca de como a humanidade vai reagir principalmente frente às mudanças climáticas está paralisando investimentos e dificultando o cálculo da taxa de retorno de projetos de longo prazo [57]. Para Besserman, essa incerteza virou uma restrição à retomada do crescimento desde a crise de 2008, dado que não só não há mais dicotomia, como muito possivelmente uma recuperação efetiva da economia global vai passar por uma tomada de decisões com relação a mudanças climáticas e outros problemas ambientais [58]. Neste século, ele argumenta que está cada vez mais claro que só poderemos ter perspectivas de crescimento econômico se formos capazes de evitar a continuidade da degradação da natureza do planeta.

O professor chama a atenção para o fato de que no próximos anos, em duas ou três décadas, teremos de ter uma gigantesca revolução tecnológica envolvendo não apenas a produção, a oferta de energia, mas toda a economia, os materiais que se utilizam, o padrão de consumo [59]. Ele prevê uma grande alteração nos preços relativos da

economia de mercado global, negócios grandes deixarão de existir, oportunidades e outros negócios vão surgir e a mudança será muito grande. No caso de que o mundo não se movimente para mudar as circunstâncias, teremos um aumento da temperatura média do planeta superior a 4,5, talvez 6 graus centígrados, o que não será o fim do mundo, segundo ele, mas será uma catástrofe com graves consequências, principalmente sobre populações de baixa renda [60]. Apesar de que Besserman critica a sociedade atual de consumo, em nenhum momento argumenta que seja necessário que a sociedade pare de consumir, ele fomenta uma mudança de consumo:

Nós podemos consumir muito mais cultura, entretenimento, laços sociais de todos os tipos. O que precisa diminuir é o consumo supérfluo e ostentatório. O conhecimento é fundamental tanto para este processo de transformação quanto para a sociedade que nós miramos lá na frente. O economista Georgescu-Roegen, um dos primeiros na profissão a perceber os desafios da sustentabilidade, tem uma imagem belíssima. Ele compara o mundo a uma grande biblioteca que não tem mais espaço para novos livros. E pergunta: isso significa que a biblioteca parou de crescer? Não. É sempre possível descartar um livro repetido, que ninguém nunca leu, ou um de autoajuda (risos), e colocar novos livros. A humanidade ainda está longe desse momento, mas já iniciou a sua marcha em direção a esse caminho. O espírito cresce e o valor da biblioteca, também. O conhecimento evolui ainda que você não tenha colocado uma nova estante. [61]

Nesse sentido, um dos ativos que precisam altamente de uma renovação são os combustíveis fósseis como motor principal energético do mundo. As emissões de dióxido de carbono são externalidades, e suas consequências sociais não são contabilizadas pelo mercado. A correção desta falha exigirá que no futuro a população, em todos os países, tenha uma clara consciência quanto ao preço de mercado do uso do carbono, o qual deve refletir os custos sociais de suas atividades [62]. Para Besserman é claro que se precisa gerar muito mais do que pequenos passos na direção da sustentabilidade, atingindo grandes transformações; temos de abandonar o que somos – uma civilização baseada em combustíveis fósseis e entrar num outro mundo: uma economia de baixo teor de carbono. E temos uma janela curta, de duas décadas, para fazê-lo. Segundo ele, as autoridades só se moverão nesse horizonte de maior profundidade sob pressão da cidadania, sob pressão do eleitorado [63].

Portanto, a meta principal é a atingir um modelo desenvolvimento sustentável. Mas, segundo o professor, ninguém tem a resposta de como atingir plenamente o desenvolvimento sustentável. A resposta para ele não é só teórica, mas principalmente histórica e ativa, já que é a sociedade que, com esforços conjuntos, tem de trabalhar pelo desenvolvimento desse modelo sustentável [64].

O grande tema, a grande agenda do século na sociedade, que é o desenvolvimento sustentável, deve estar presente na educação. E estar presente não apenas de uma forma superficial, relacionada a práticas cotidianas como economizar energia e água ou proteger a natureza. Mas, acima de tudo, promover nos jovens e nas crianças um pensamento crítico que os ajude a olhar o mundo de hoje e ver tudo que há de bom nele, mas também reconhecer que este mundo que as gerações anteriores estão deixando não é sustentável. Ou seja: ele não é um modelo, nós teremos de transformá-lo. Para Besserman, está claro que ainda não sabemos as respostas. Nós como seres humanos vamos descobrir, de certa maneira, quem somos: se somos aqueles capazes de agir hoje

para evitar problemas lá na frente, daqui a 20, 30 anos e, mais ainda, para os nossos filhos e netos, ou se somos aqueles que não nos interessamos por isso, vivemos nossa vida e os que vão nascer no futuro resolverão essa questão mais adiante [65]. Para Besserman, as transformações não ocorrem por causa de conferências, ou reuniões internacionais, mas porque os cidadãos cobram ação e mudanças [66]:

Eu não sei a resposta e ninguém sabe, mas acredito firmemente que ela depende de cada um de nós, não só fazendo a sua parte, reduzindo emissões, etc., mas mais do que isso, fazendo política com “P” maiúsculo, política em torno de ideias. Somos nós os cidadãos do planeta, porque agora todos nós somos cidadãos locais e globais. Se no Brasil fizermos todo o dever de casa com relação ao desmatamento e milagrosamente chegarmos ao desmatamento zero, ainda assim, se formos para os piores cenários de aquecimento global, vamos perder grande parte – se não a maior parte – da Amazônia. Então, agora temos de nos manifestar e exigir dos nossos representantes, dentro das nossas nações, que conheçam o tema – porque são ignorantes na sua maioria – e se posicionem sobre o assunto, e devemos votar levando esse fator em conta. [67]

É dentro do local, geralmente das cidades, se apresentarão o dinamismo, a criatividade e a capacidade de invenção que serão tão necessários para adquirirmos padrões sustentáveis de produção e consumo [68]. As cidades têm um aspecto local, que diz respeito a transporte, eficiência energética e resíduos. E não apenas lixo, mas também a questão do saneamento que, segundo Besserman, é o maior fracasso no Brasil nos últimos 20 anos, considerando a renda per capita e o PIB do país. O outro aspecto é a gestão do nosso território, da nossa paisagem, dos nossos recursos naturais. As cidades não são apenas parte da solução, elas também são parte do problema [69]. É nas cidades que está a maior demanda por energia. É nas cidades que o padrão de consumismo insustentável acontece. Como um exemplo, 75% das emissões de gases que aquecem o planeta são de responsabilidade das cidades. Sem mudar essa realidade, não será possível enfrentar a crise planetária [70]. Besserman, afirma:

Eu diria que em cidades como Londres, Nova York, Paris, Amsterdã, essas questões já são o principal vetor de transformação das realidades urbanas. Hoje, avançar na sustentabilidade é uma condição para o desenvolvimento econômico e social. A preservação dos serviços que a natureza nos oferece tem um impacto direto, imediato e mensurável na qualidade de vida das pessoas. No Brasil é mais complicado. Nós temos essas questões que marcam o século XXI, mas também arcamos com milhões de problemas do século XX e até alguns do XIX. E todos têm que ser enfrentados simultaneamente. [71]

Contudo, o professor Besserman não só rompe paradigmas a partir de suas pesquisas na área de seu interesse, mas ele também incentiva a sociedade civil para participar da verdadeira transformação necessária para acabar com as práticas de depredação dos recursos do planeta. No governo, na academia, nas ONGs e nos movimentos sócias, Besserman, como intelectual, utiliza de todas as formas e meios possíveis para fomentar as mudanças que ele considera urgentes dentro da sociedade brasileira e o mundo.

V - Conclusão

Como Gramsci defende, os elementos sociais empregados no trabalho profissional não devem cair na passividade intelectual, mas devem encontrar os subsídios necessários para qualquer forma de atividade cultural que pretendam empreender [72]. Os intelectuais selecionados nessa pesquisa não caíram na passividade intelectual, nem se dedicaram à erudição “fora deste mundo”, como era a concepção predominante do intelectual do início do século XX. Já seja em matéria de educação, interculturalidade ou meio ambiente e desenvolvimento sustentável, eles procuraram meios para atingir suas metas pessoais e profissionais de inserção social sem se limitar à busca do conhecimento pelo conhecimento. Ao exercer funções culturais, educativas e organizativas dentro do domínio de suas disciplinas científicas, conseguiram não só aportar novas ideias e combater em prol de uma nova concepção de mundo ao diversificar seus meios além da academia. Eles/as conseguiram uma retroalimentação da sua própria pesquisa científica ao ter um contato direto com a realidade em estudo. Partindo do local (a cidade) até o cenário internacional, os intelectuais conseguiram promover suas agendas, que consideram parte de sua responsabilidade intelectual. Isso os caracteriza como intelectuais orgânicos contemporâneos dentro desta pesquisa.

VI - Referências

- 01 - GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Tradução Carlos Nelson Coutinho).
- 02 - KONDER, Leandro. **Memórias de um Intelectual Comunista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 5-10.
- 03 - Idem. Ibidem.
- 04 - Idem. Ibidem.
- 05 - ALTAMARO, Carlos. **Intelectuales: Nacimiento y peripecia de un nombre**. Nueva Sociedad, 2013. N.245. Disponível em: <http://nuso.org/media/articles/downloads/3939_1.pdf>. Acesso em: 20, jun. 2015. P. 38.
- 06 - Idem. Ibidem.
- 07 - KURZMAN, Charles; OWENS, Lynn. **The Sociology of Intellectuals**. Carolina do Norte: Annual Reviews, 2002. p. 65-66.
- 08 - JAMES, Williams. **The social value of the college bred**. In: Memories and Studies. Londres: Longmans, 1912. p. 319.
- 09 - KURZMAN, Charles. Op. Cit.
- 10 - Idem. Ibidem.
- 11 - BENDA, Julien. **The Treason of the Intellectuals**. Transl. R Aldington. New York: William Morrow, 1928. p. 43.
- 12 - Idem. Ibidem.
- 13 - BENDA, Julien. Op. Cit. pp. 1-43.

- 14 – GRAMSCI, Antonio. **Croce and Julien Benda**. In: Further Selections from the Prison Notebooks. Minneapolis: Univ. Minn. Press, 1932. p. 470.
- 15 - SEMERARO, Giovanni. **Intelectuais Orgânicos em Tempos de Pós-Modernidade**. Campinas: Cedes, 2006. Vol, 26, n. 70, pp. 373-391.
- 16 - Idem. Ibidem.
- 17 - LOURDES, Maria. **Academia, Ciência e o Papel do Intelectual Orgânico**. São Paulo: UNISAL, S.D. p. 1.
- 18 - ANTONELLI, Francesco. **From Organic Intellectual to "Molecular" Intellectual in a Post-Society World**. Roma: New Cultural Frontiers, 2010. p. 17.
- 19 - RAMA, Angel. **A Cidade das Letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 47.
- 20 - Idem. Ibidem.
- 21 - SEMERARO, Giovanni. Op. Cit.
- 22 - GRAMSCI, Antonio. Quaderni del carcere. Turim: Einaudi, 1975. p. 1.518.
- 23 - SEMERARO, Giovanni. Op. Cit.
- 24 - Idem. Ibidem.
- 25 - Idem. Ibidem.
- 26 - GRAMSCI, Antonio. Op. Cit. p. 1.516.
- 27 - SEMERARO, Giovanni. Op. Cit.
- 28 - GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 7.
- 29 - SEMERARO, Giovanni. Op. Cit.
- 30 - KONDER, Leandro. Op. Cit. p. 5.
- 31 - CANDAU, Vera. Professora emérita do Departamento de Educação da PUC- Rio, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 7 de julho de 2015, entrevista concedida a Fabio Cano Gómez.
- 32 - Idem. Ibidem.
- 33 - SANTOS, Boaventura. **Reconhecer para Libertar: os Caminhos do Cosmopolitismo Multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 56.
- 34 - CANDAU, Vera. “Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios”. In: _____ (Org.). Cultura(s) e educação. Entre o crítico e o pós-crítico. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 18.
- 35 - CANDAU, Vera.et al (Org). **Diferenças culturais e educação: construindo caminhos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. p. 7-33.
- 36 - Idem. Ibidem.

37- Idem. Ibidem.

38 - Idem. Ibidem.

39 - Idem. Ibidem.

40 - Idem. Ibidem.

41 - Idem. Ibidem.

42 - Idem. Ibidem.

43 - CANDAU, Vera. 2015. Op. Cit.

44 - Idem. Ibidem.

45 - Idem. Ibidem.

46 - CANDAU, Vera. 2011. Op. Cit.

47 - Idem. Ibidem.

48 - Idem. Ibidem.

49 - Idem. Ibidem.

50 - CANDAU, Vera. 2015. Op. Cit.

51 - BESSERMAN, Sérgio Vianna. “O ativo mais importante do século XXI é o conhecimento. E aí o Brasil está diante de uma oportunidade gigantesca”. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/sergio-besserman-vianna>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

52 - BESSERMAN, Sérgio Vianna. “A natureza não precisa de nossa ajuda”. **Revista Planeta Sustentável**, Rio de Janeiro, oct. 2014. Disponível em: <<http://planetasustentavel.abril.com.br/blog/semana-abril-jornalismo-ambiental/tag/sergio-besserman/>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

53 - BESSERMAN, Sérgio Vianna. “Hora de Conectar com a História”. **Revista Senac Ambiental**, Rio de Janeiro, ano 20, nº1, junho/dezembro 2012, pp. 8- 13.. Disponível em: < http://www.senac.br/media/6653/senac_ambiental-ed1.pdf>. Acesso em 31 jul. 2015.

54 - BESSERMAN, Sérgio Vianna. 2011. Op. Cit.

55 - BESSERMAN, Sérgio Vianna. 2012. Op. Cit.

56 - BESSERMAN, Sérgio Vianna. Professor do departamento de economia da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 22 de agosto de 2014, entrevista concedida ao Instituto Humanitas Unisinos On-line (IHU).

57 - Idem. Ibidem.

58 - Idem. Ibidem.

59 - Idem. Ibidem.

60 - Idem. Ibidem.

61 - BESSERMAN, Sérgio Vianna. 2011. Op. Cit.

62 - BESSERMAN, Sérgio Vianna; PIANI, Guida; MIRANDA, Pedro. “Comércio Internacional e Mudança Climática: Trilhos Convergentes?”. In: Boletim de Economia e Política Internacional. Ipea, 2010. pp. 45-48. Disponível em: <http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/boletim_internacional/100621_boletim_internacional01_cap7.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2015.

63 - Idem. Ibidem.

64 - BESSERMAN, Sérgio Vianna. 2012. Op. Cit.

65 - BESSERMAN, Sérgio Vianna. 2014. Op. Cit.

66 - BESSERMAN, Sérgio Vianna. 2012. Op. Cit.

67 - BESSERMAN, Sérgio Vianna. 2014. Op. Cit. 2014.

68 - BESSERMAN, Sérgio Vianna. 2012. Op. Cit.

69 - Idem. Ibidem.

70 - Idem. Ibidem.

71 - BESSERMAN, Sérgio Vianna. 2012. Op. Cit

72 - GRAMSCI, Antonio. 1978. Op. Cit. p. 124.